



© Hugo Alves



# ***SOCIALiS***

**DOSSIÊ TEMÁTICO**

ISTO É EXPLICAR O QUE É QUE SE TRABALHA

**EM DIÁLOGO COM...**

ANTÓNIO FIRMINO DA COSTA

JORNAL DO NÚCLEO DE ESTUDANTES DE SOCIOLOGIA DO ISCTE

**Nº6 || JANEIRO 2021**

# ÍNDICE

## 3. Editorial

### 4. Isto é explicar o que é que se trabalha

#### 10. Investigação Sociológica

#### 14. Em Diálogo com...

#### 28. Debate na Imprensa

#### 30. Retratos – Ser sociólogo

#### 32. Temas Mensais

#### 34. Atividades do Núcleo

#### 36. Núcleo Convidado

#### 37. As Nossas Sugestões

#### 38. A Tua Voz

#### 40. Agenda Sociológica

---

## FICHA TÉCNICA

**Edição NESISCTE** || **Coordenação Editorial** Alexandre Pereira, Cristiano Oliveira

|| **Redação** Diogo Silva, Margarida Delicado, Pedro Silva, Tânia Gomes, Tatiana Neves || **Colaborações Externas** Elísio Estanque, Luísa Veloso, Mafalda Miguel Teixeira, Paulo Jorge Marques Alves, Rita Espanha, Teresa de Jesus Seabra de Almeida || **Grafismo e Paginação** Maria Barral || **Ilustrações** Maria Barral || **Agradecimento especial a** Mariana Ferreira ||

**ISSN 2184-447X**

**Contactos** Avenida das Forças Armadas || ISCTE-IUL, Edifício 2, Cacifo 264 || 1649-026 Lisboa

[nucleosociologia.iscte@gmail.com](mailto:nucleosociologia.iscte@gmail.com)

[www.nesiscte.com](http://www.nesiscte.com)

# EDITORIAL

Apesar de estarmos a viver em tempos atípicos, isso não é razão para as nossas vidas pararem. Nós em Sociologia temos a capacidade de adaptar e evoluir face a adversidades. São com estas palavras que vos apresentamos a 6ª edição do *SOCIALiS* do NESISCTE, desta vez dedicada à Sociologia do Trabalho e às suas variadas vertentes de investigação e aplicação nas nossas sociedades.

O Dossier Temático sobre o Trabalho é a rubrica inicial desta nossa 6ª edição. O que foi pretendido foi o aprofundamento e enfoque em temas como o sindicalismo, as relações entre o género e o trabalho e as linhas temporais da evolução do trabalho. Referente à Investigação Sociológica apresentamos dois temas: os trajetos escolares dos descendentes de imigrantes em Portugal e a ligação existente entre o humor e a política e a investigação que falta.

Estivemos em diálogo com António Firmino da Costa, considerado um dos pais da Sociologia em Portugal. Nesta conversa sociológica abordamos a entrada do sociólogo na ciência, a fundação da Associação Portuguesa de Sociologia (APS) e do Centro de Investigação em Sociologia (CIES), a multidisciplinidade

da Sociologia, a evolução das ciências sociais ao longo da última década e o que antevê ser o futuro da Sociologia considerando o contexto pandémico. No que diz respeito ao Debate de Imprensa, o tema chave por detrás da rubrica desta edição passa pela vacinação e os diferentes movimentos adjacentes à mesma. A verdade sobre a Sociologia ser uma ciência multidisciplinar é de possível confirmação devido ao Retrato da socióloga convidada. Exerceu funções em áreas como docência, produção de espetáculos e planeamento social estratégico para referir alguns. O seguinte ponto são as Atividades do NESISCTE realizadas ao longo deste semestre e nesta edição convidámos a nossa Presidente, a Presidente da Direção do NESISCTE, Inês Pedro para falar brevemente acerca do Núcleo que representa. Em jeito de conclusão, damos como encerrada a nossa edição com As Nossas Sugestões de diferentes formas de acesso à cultura, sejam elas através de livros, músicas e cinema e por fim, a Agenda Sociológica dos eventos que serão futuramente realizados com Sociologia como tema principal.

# ISTO É EXPLICAR O QUE É QUE SE TRABALHA

## BREVE NOTA SOBRE SOCIOLOGIA DO TRABALHO

### Elísio Estanque

Professor de Sociologia na FEUC, Investigador no Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Desde os tempos do Império Romano até ao triunfo da racionalidade ocidental o trabalho é associado a *'Triplium'*, um instrumento de punição e tortura; mas com o crescimento do protestantismo na Europa do norte, a ética calvinista contribuiu para incutir um sentido positivo às atividades económicas e na sequência disso o *Homo Faber*, o homem que produz, que cria riqueza, ganhou uma nova aura. Conforme Max Weber anteviu na sua clássica obra "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", o crescimento e consolidação do capitalismo moderno viria a recentrar a atividade laboral como a infraestrutura fundamental que serviu de alicerce à estrutura social das sociedades industriais.

Como sabemos, os principais autores clássicos da sociologia inauguraram visões sobre as relações de trabalho, bem distintas entre si: para K. Marx o trabalho é visto como a base (infraestrutura da sociedade) do sistema capitalista, quer por ser o centro vital da criação de riqueza, quer por ser a partir dele que se estruturam as relações sociais de produção que opõem as duas classes antagónicas (capitalistas e trabalhadores); pa-

ra Max Weber o trabalho oferece-se como campo de estruturação de relações de poder mas também espaço de oportunidades e de conquista de prestígio e status; e E. Durkheim viu a esfera profissional nas sociedades complexas como base de integração e de criação de consensos negociados, onde a componente moral é o principal fator da divisão social do trabalho. Sob estas e outras influências filosóficas, as abordagens positivista, liberal e a crítica marxista inauguraram correntes teóricas que marcaram diversos modelos e linhas de organização do campo produtivo nas sociedades avançadas. Desde o Taylorismo (a chamada O.C.T. – organização científica do trabalho, com as experiências de Henry Taylor), que marcou a clivagem entre conceção e execução, estabeleceu a medição cronometrada da produtividade, a disciplina e a especialização rígida de funções que caracterizaram a grande indústria até meados do século XX; passando pela Escola de Relações Humanas (H. Foyol, A. Maslow) que influenciou uma nova teoria mais humanista centrada no fator emocional e higiénico na organização do trabalho e na motivação dos

trabalhadores; até à visão marxista da Sociologia Industrial (R. Hyman, R. Castel); e à chamada escola “tipartit” de relações laborais (J. Visser; R. Sainsaulieu, A. Gorz, OIT, etc.), foram inúmeras as correntes e abordagens no campo da sociologia do trabalho que chegaram aos nossos dias.

Mas, se o trabalho sempre foi uma atividade decisiva para a evolução das sociedades humanas, a inovação técnica e social constituem duas variáveis incontornáveis (e inseparáveis) nesse domínio. Importa, porém, recusar o “determinismo” tecnológico ou a “neutralidade” da tecnologia. Acima e montante dela está a sociedade, os seus poderes e instituições. O “mercado de trabalho” é fruto da modernidade capitalista, mas o trabalho está muito para além da sua dimensão mercantil. O trabalho assalariado tornou-se dominante desde o século XVIII, e com isso cresceu a “mercadoria” força de trabalho. Foi contra isso que o movimento operário e os seus sindicatos se ergueram, conquistando amplos direitos, num longo processo conflitual que na Europa culminou com o triunfo do Estado providência.

É nessa mesma linha que a OIT e a Declaração Universal dos Direitos Humanos consignaram o princípio de que “o trabalho não é uma mercadoria” (Declaração de Filadélfia, 1944). No entanto, a globalização neoliberal inverteu esse curso a partir de meados da década de 1970.

Tendências estruturais mais vastas, como o envelhecimento da população, a estagnação do crescimento, o aumento da competitividade à escala global, as crises económico-financeiras, etc., forneceram as bases e os argumentos do neoliberalismo, ajudando a legitimar medidas que colocaram em recuo as políticas sociais e o anterior modelo social. Esta é, aliás, uma tendência que se acentuou nos tempos mais recentes, dando continuidade a processos em curso como o outsourcing, a subcontratação, o trabalho temporário, o trabalho a tempo parcial, o trabalho independente, etc., aspetos estes que vêm multiplicando as formas e vínculos contratuais precários, a individualização e reduzindo a contratação coletiva. A inovação tecnológica, a revolução no campo informático, a inteligência artificial e a robótica estão a crescer rapidamente e todo esse campo vai imprimir novas linhas de transformação, tornando irreversível o regresso ao anterior modelo de trabalho – com estabilidade, segurança, condições negociadas, garantias de progressão, etc. – que vigorou na Europa (e ainda vigora em alguns países) mas que hoje está ameaçado. A computadorização, a robótica, a digitalização, etc., continuam a “roubar” muitos milhões de postos de trabalho, sendo incerta a capacidade de substituição e reconversão da mão de obra qualificada para lidar com os novos meios tecnológicos.

# SINDICATOS: UM PASSADO PORTADOR DO FUTURO

**Paulo Marques Alves**

Professor auxiliar do departamento de Sociologia do Iscte, Investigador do DINÂMIA'CET-IUL

O movimento sindical surge nos alvares do século XIX, na sequência da emergência da sociedade capitalista, estando a ela indissolúvelmente ligado.

Inicialmente fortemente reprimidos, os sindicatos integraram um movimento mais amplo em prol da liberdade associativa, tendo vindo a ser legalizados, com maiores ou menores restrições, ao longo do século XIX: 1824, no Reino Unido; 1884 em França; 1891 em Portugal. Ainda neste século, e durante as duas primeiras décadas do seguinte, surgiram os cinco modelos históricos de sindicalismo que perduram até hoje.

Há 200 anos, como atualmente, os sindicatos são uma das mais importantes instituições do mercado de trabalho.

O vocábulo sindicato e outros aparentados (sindicalizado, sindicalismo, sindicalista) foram introduzidos no português a partir do francês em finais do século XIX. Estes termos remetem para a função de síndico, aquele que representa um grupo visando zelar pelos seus interesses.

Deste modo, um sindicato é uma associação de cariz voluntário, formada na base de uma agregação de interesses e de va-

lores que são partilhados por um grupo de trabalhadores, que tem como objetivo a defesa e a promoção dos seus interesses comuns e se estrutura de acordo com um dado princípio organizativo (ramo de atividade, profissão, empresa/serviço).

■

**" HÁ 200 ANOS, COMO ATUALMENTE, OS SINDICATOS SÃO UMA DAS MAIS IMPORTANTES INSTITUIÇÕES DE TRABALHO "**

■

Segundo os diversos modelos históricos de sindicalismo, os objetivos dos sindicatos variam: eles visam a simples defesa dos trabalhadores contra os malefícios da industrialização e o arbítrio patronal (sindicalismo católico e o arbítrio patronal (sindicalismo católico e de mercado); a participação na regulação do mercado de trabalho, a fim de aprofundar a justiça social (sindicalismo reformista); ou ser um dos instrumentos (sindicalismo de classe) ou o único instrumento (sindicalismo revolucionário) de luta pelo derrube da sociedade capita-

lista e de construção de uma nova sociedade.

A partir da década de 70 do século XX, os seus recursos de poder (poder associativo ou organizacional; poder estrutural ou económico; poder institucional) começaram a ser erodidos, originando a crise desta forma associativa, que se tem vindo a agravar e constitui atualmente umas das suas características dominantes à escala global.

Esta crise é uma crise de uma certa forma de fazer sindicalismo, não constituindo um indício de uma sua decadência inexorável, como defendem alguns autores.



Organizações cada vez mais necessárias face à situação que se vive atualmente, os sindicatos serão portadores de futuro, se adotarem uma estratégia radicalmente transformadora, passando pelo regresso à sua matriz de movimento social; pela promoção de uma mudança organizacional que permita a desburocratização e aprofunde a democracia interna; se conseguirem reunificar no seu interior trabalhadores precários e desempregados, ao invés de constituírem apenas um grupo de pressão de trabalhadores que se encontram melhor posicionados no mercado de trabalho; se conseguirem trabalhar conjuntamente com outros movimentos sociais em torno da resolução de questões laborais e de outras que extravasam este âmbito; ou se forem capazes de implementar dois tipos de abordagem: um sindicalismo de carácter comunitário, que mostra ser particularmente importante para organizar os trabalhadores precários, dada a elevada rotação no emprego a que estão sujeitos; e um sindicalismo de capital social, que permita fortalecer os laços entre os trabalhadores e as organizações a partir de uma ação sindical que associe o desígnio da resolução dos problemas coletivos à resolução dos problemas individuais de cada trabalhador e de cada trabalhadora.

# PERSISTAMOS NA DISCUSSÃO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE GÉNERO E TRABALHO

Luísa Veloso

Professora do departamento de Sociologia do Iscte, Investigadora no CIES

A sociologia tem persistido, na sua prática académica e na sua intervenção em espaço público, na discussão em torno da presença das mulheres no mercado de trabalho. Expressões como estigmatização, discriminação, igualdade, equidade, surgem profusamente a propósito desta temática, que de tão ampla, dificulta a sua abordagem sucinta, sem se resvalar para um conjunto de lugares comuns. Mas, por sua vez, e porque as questões que este debate coloca mantêm a sua relevância e atualidade, importará frisá-las e reforçá-las. Num exercício que é, necessariamente, restrito, destaco os seguintes elementos.

O primeiro, de cariz mais amplo é relativo à linguagem, às atitudes, aos comportamentos de todos nós quando nos posicionamos e expressamos acerca do trabalho exercido por mulheres e porque as comparamos com e distinguimos dos homens. Importa estar sempre atento nas escolas, nas famílias, na comunicação social a esta questão e ser incondicionalmente intransigente ao alimentar este tipo de distinções.

O segundo remete para a estruturação do mercado de trabalho.

É notória a presença crescente das mulheres no mercado de trabalho há já várias

décadas (com as devidas diferenciações nacionais e regionais), mas o que importa será analisar em detalhe aspetos como os níveis de qualificação, de remuneração, o tipo de atividades desenvolvidas, etc. Para dar apenas dois exemplos, é evidente o desequilíbrio quantitativo, favorável aos homens, acerca da ocupação de posições de topo, assim como às remunerações.

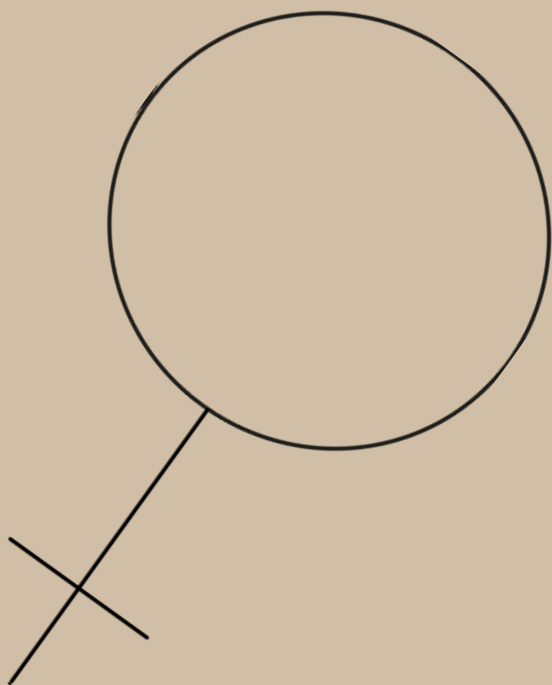
O terceiro remete para a invisibilidade das atividades domésticas desempenhadas pelas mulheres que são de cariz profissional, mas que, na realidade, ao serem desempenhadas na sua esfera privada, acabam por ser, para além de não remuneradas, não consideradas no cômputo geral das atividades económicas.

O quarto aspeto, relacionado com o que acabou de ser referido, remete para o papel central desempenhado pelas mulheres na organização da vida privada e, logo, pela canalização de uma parte substancial do seu tempo, das suas vontades e desejos, para as atividades tidas como domésticas, também elas, como foi referido, invisíveis no quadro da estrutura económica e do mercado de trabalho.

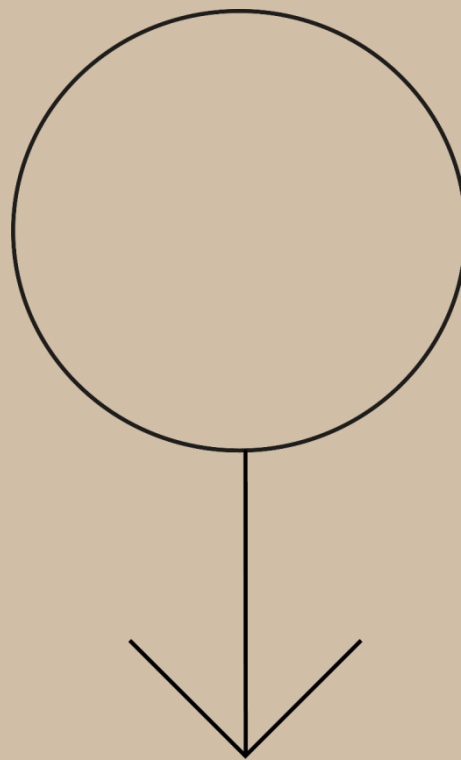
O quinto aspeto que destaco consubstancia-se nos modelos de gestão praticados pro-



fusamente pelas empresas que têm subjacentes, frequentemente, práticas de assédio moral (e não apenas sexual) que afetam de forma mais notória as mulheres e que não se trata já apenas de uma questão hierárquica ( de relação superior-subordinado), mas horizontal, já que são os modelos de organização de trabalho em si que promovem relações de trabalho horizontais pautadas pela individualização, pela competição e pela não cooperação. Um dos claros exemplos é o apelido “trabalho por projeto” que apela, aparentemente, a um trabalho de colaboração, mas que, na prática se traduz, na obrigatoriedade de os trabalhadores saltarem de projeto para projeto permanentemente, promovendo os homens uma atitude de definição de quem faz o quê.



Mas o debate entre género e trabalho é, como já referi, substancialmente mais amplo do que confrontarmos as atividades laborais (formais e informais, remuneradas e não remuneradas, visíveis e invisíveis) desempenhadas por mulheres e por homens. Sabemos que as questões de género são, hoje, e muito bem, debatidas de forma bastante mais complexa e apelam de forma notória e pertinente para o respeito pelas identidades de género e a total intransigência para com formas de discriminação.



# INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA

## O HUMOR E A POLÍTICA: A INVESTIGAÇÃO QUE FALTA REALIZAR

Rita Espanha

Professora auxiliar com agregação do Departamento de Sociologia do Iscte, Diretora do Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Este texto tem como ponto de partida o trabalho realizado pelo meu antigo aluno e orientando Pedro Caldeira Pais, que desenvolveu uma dissertação de Mestrado sobre o tema do humor em movimentos sociais que originou um artigo em parceria publicado na Revista da Associação Portuguesa de Sociologia (Sociologia Online)<sup>1</sup>.

Essa pesquisa discute o papel do humor nos movimentos sociais em Portugal, nomeadamente entre 2011 e 2013. Para tal analisaram-se os cartazes de uma manifestação do Que se Lixe a Troika (QSLT) e de outra organizada pelos sindicatos, tendo-se realizado entrevistas a ativistas e sindicalistas.

As principais conclusões desse estudo foram a confirmação de que o uso de humor e criatividade em protesto ou outro tipo de ma-

nifestações públicas foi e é possível graças a um menor grau de institucionalismo à identidade de resistência, à cultura de protesto, e à preocupação dos ativistas em recriar a comunicação. As formas de comunicar utilizando humor atraem atenção, despertam curiosidade e podem ser, até certo ponto, fatores de mobilização social.

De 2013 para 2020, muito mudou, mas muito também ficou igual. O que mudou essencialmente, senão o panorama político, claramente o cenário governamental e parlamentar. As manifestações e protestos a que se refere o estudo em análise realizaram-se numa fase de crise político-económica acentuada, mas o que diremos da situação político-económica que vivemos atualmente?

Além disso, o panorama formal da política portuguesa também mudou substancialmente.

---

<sup>1</sup> Pais, Pedro Caldeira & Espanha, Rita, “O humor em movimentos sociais: Criatividade e informalidade nas manifestações anti-austeridade em Portugal”, Revista da Associação Portuguesa de Sociologia – Sociologia Online, nº 17, Out. 2018

Novas formas de governança, novos poderes no poder, novas alianças parlamentares, novos partidos no parlamento, enfim... apesar de nem todos os protagonistas serem propriamente novos, o xadrez e a dinâmica alteraram-se profundamente. E o “humor” e os “protestos” também.

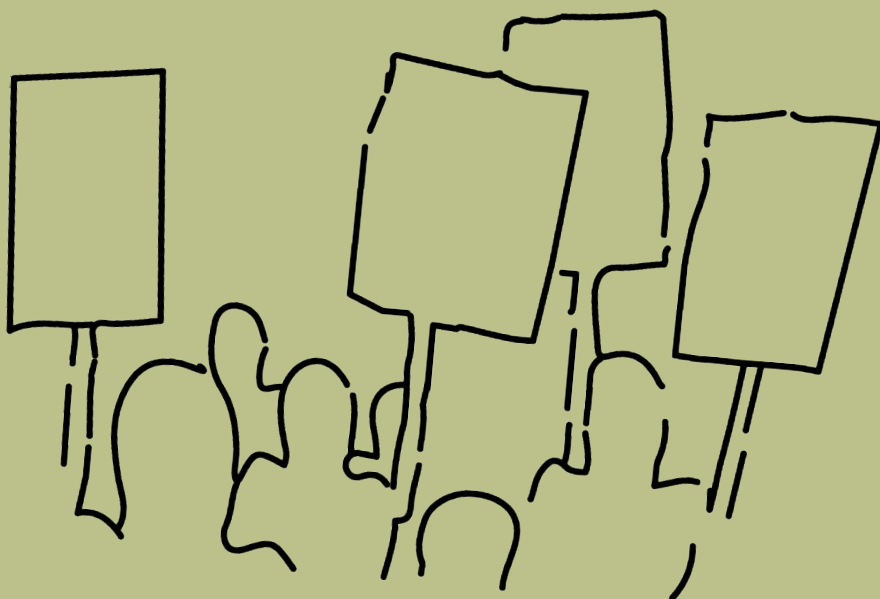
■

**“ DE 2013 PARA 2020, MUITO MUDOU, MAS  
TAMBÉM FICOU IGUAL”**

■

Os protestos de rua são mais localizados, mais restritos, mais sujeitos a restrições de naturezas diversas (a covid-19 é uma delas, mas há outras, menos evidentes e mais circunstanciais). O humor está menos presente nessas manifestações.

Curiosamente, foi durante as últimas campanhas eleitorais e a partir de um novo partido político, a Iniciativa Liberal, que o humor voltou à política. Não em protestos de rua, mas em cartazes, na rua, de grandes dimensões, que depois circulam, muito, nas redes sociais online. Os cartazes de rua humorísticos e irónicos não foram uma invenção da IL, aliás foram durante muito tempo uma característica do antigo PSR, prática depois continuada pelo BE (que integrou também o PSR). Mas o seu regresso em força deu-se, desde as últimas eleições legislativas e Europeias com a IL. E, o facto é que o partido, que não tinha nenhuma cobertura mediática tradicional, nem particular atenção dos media em geral, conseguiu eleger um deputado para a Assembleia da República. Com este único exemplo, penso que é possível argumentar que vale a pena equacionar novas pesquisas, que voltem a olhar para o humor, de forma mais generalizada e sistemática e para a importância como forma de mobilização política.



# OS TRAJETOS ESCOLARES DOS DESCENDENTES DE IMIGRANTES EM PORTUGAL

**Teresa Seabra**

Professora Auxiliar do Departamento de Sociologia do Iscte, Investigadora do CIES-IUL

Conhecer a realidade dos alunos que têm origem na imigração no nosso país é tarefa difícil. A Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) do Ministério da Educação recolhe e analisa os dados enviados pelas escolas sobre cada um dos alunos. Entre esta informação encontra-se a nacionalidade e a naturalidade do aluno e de cada um dos seus progenitores. Os dados disponibilizados por este organismo ministerial são limitados ao país da nacionalidade de cada aluno e para cada nacionalidade conhece-se: o contingente de alunos (inscritos e transitados) no ensino básico e secundário por ciclo de escolaridade, a modalidade de ensino que frequentam (regular, artístico, percursos curriculares alternativos, cursos de educação e formação, cursos vocacionais, cursos profissionais...).

Estes dados excluem da análise todos os alunos que tenham obtido nacionalidade portuguesa, apesar de terem origem na imigração, uma vez que podem ter nascido num país estrangeiro, assim como qualquer um dos seus ascendentes. Para colmatar esta lacuna, os investigadores têm desenvolvido alguns estudos empíricos em que recolhem e

tratam dados mais completos (podendo incluir a naturalidade dos avós) de modo a localizar estes alunos com *background* na imigração. Recentemente foi tornada realidade, a possibilidade de as equipas de investigação poderem consultar as bases de dados da DGEEC, depois de anonimizadas.

▪

**" CONHECER A REALIDADE DOS ALUNOS QUE TEM ORIGEM NA IMIGRAÇÃO DO NOSSO PAÍS É TAREFA DIFÍCIL"**

▪

Numa aproximação, muito sintética e superficial, ao conhecimento disponível sobre os alunos estrangeiros sabemos que: (i) representam cerca de 5% da população escolar; (ii) os oriundos do Brasil são os que estão mais presentes atualmente (cerca de 25% dos estrangeiros); (iii) a proporção de alunos estrangeiros que frequentam vias alternativas ao ensino regular é maior do que entre os na-

cionais; (iv) os alunos estrangeiros têm, em média, taxas de aprovação menores do que os alunos com nacionalidade portuguesa, podendo algumas nacionalidades atingir taxas superiores à dos nacionais; (v) a diferença de resultados entre os estrangeiros e os nacionais aumenta à medida que os alunos progredem no sistema de ensino, duplicando quando estes passam do 1º para o 2º ciclo do ensino básico.

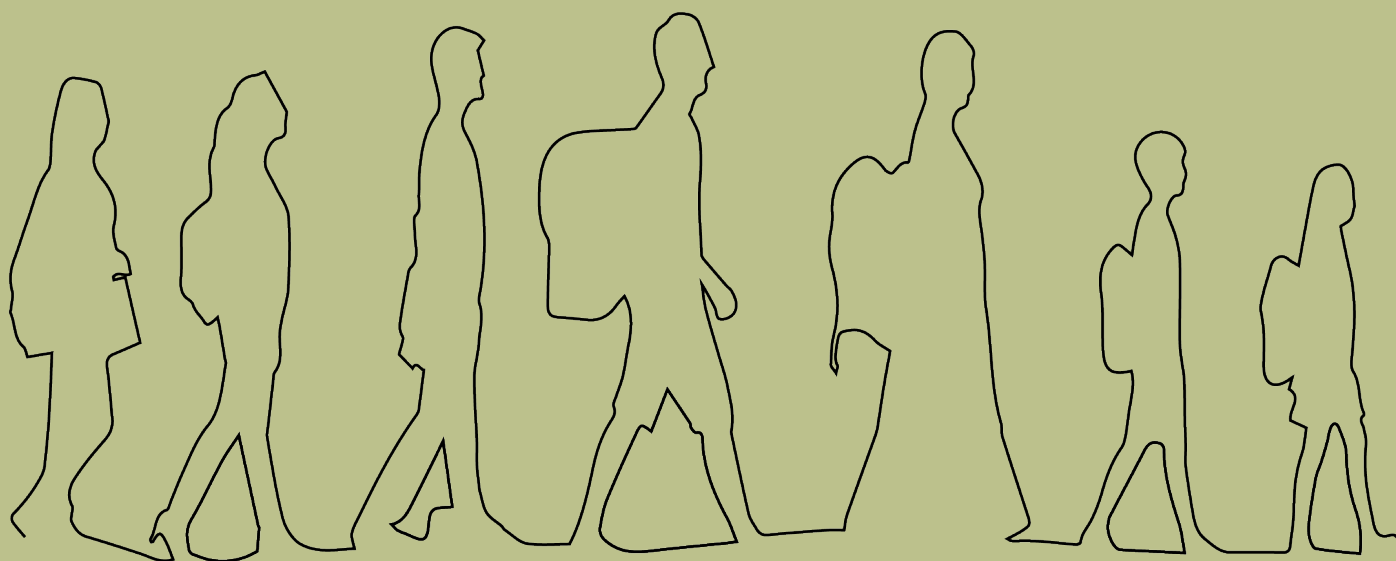
Os estudos que permitem identificar alunos descendentes de imigrantes (universo mais lato que o dos alunos estrangeiros) têm dado

contributos importantes para o alargamento e aprofundamento do conhecimento destes alunos. Acresce sabermos, nomeadamente, que (i) os resultados académicos dos alunos com origem na imigração e os dos autóctones se aproximam quando a escolaridade de todas as famílias é baixa, podendo os primeiros ultrapassar os dos segundos e que (ii) as famílias dos descendentes de imigrantes têm elevadas aspirações escolares para os seus filhos e utilizam múltiplas estratégias para concretizar o projeto de mobilidade social de que são portadores.

■

**" OS ALUNOS ESTRANGEIROS TÊM, EM MÉDIA,  
TAXAS DE APROVAÇÃO MENORES DO QUE OS  
ALUNOS COM NACIONALIDADE PORTUGUESA"**

■



# EM DIÁLOGO COM...



**António Firmino da Costa**

Professor Catedrático Jubilado do Departamento e Agregação em Sociologia

**SOCIALiS: Então para começar, como é que ocorreu a sua entrada na Sociologia?**

**ANTÓNIO FIRMINO DA COSTA:** Cheguei à Sociologia e ao Iscte na mesma altura, mas antes de entrar para o Iscte o que me aconteceu foi o seguinte: eu tinha frequentado outro curso, em Engenharia Química, nos finais dos anos 60. Como vocês sabem, nessa altura estávamos numa sociedade muito diferente, estávamos numa ditadura e num país atrasado. Fiz parte da associação de estudantes do Instituto Superior Técnico, no final dos anos 60 e início dos anos 70, e havia um grande movimento estudantil contra a ditadura, contra a guerra colonial, contra o subdesenvolvimento, contra um clima cultural abafado, contra a falta de liberdades e democracia. Depois do 25 de abril, em 1974, as coisas tornaram-se muito diferentes e para mim foi fundamental que em 1975 começamos a ter uma constituição democrática, ou melhor, em 1975 foi eleita a Assembleia Constituinte e depois houve a aprovação da Constituição em 1976. Quando chegou a essa altura pensei: finalmente já estou numa sociedade democrática, com uma constituição democrá-

tica, com liberdades e garantias de carácter democrático, com estado de direito, com pluralismo político. Portanto, se tinha nos anos anteriores tido uma contribuição modesta no sentido de tentar combater a ditadura e ajudar à passagem para as liberdades e a democracia, pensei que as novas condições democráticas já estavam conseguidas e estava na altura de conhecer melhor a sociedade em mudança. Uma coisa era estar envolvido no processo social anterior, sempre muito rápido e acalorado, mas agora estava na altura de conhecer mais e melhor a sociedade ela própria. Eu tinha arranjado um emprego na área de engenharia, e então fui à procura de um curso que me desse essa possibilidade de aprofundamento e conhecimento da sociedade. A sociedade estava em grande transformação, já tínhamos liberdade e democracia, mas estava tudo por construir em termos de modernização e desenvolvimento. Portanto fui à procura de um curso que permitisse esse aprofundamento, encontrei a licenciatura em Sociologia no Iscte, que tinha sido iniciado nos anos anteriores e estava a alargar o número de vagas, e por outro lado o Iscte

dava-me a possibilidade de frequentar o curso em horário pós-laboral, portanto eu podia conjugar o estudo com a minha atividade profissional. Assim, entrei na Sociologia e no Iscte com esta perspetiva: tendo estado envolvido nas lutas democráticas e nas transformações sociais, de certa maneira tinha a noção clara de que era bastante desconhecedor do que são os meandros complexos da organização social. De facto, o que aconteceu foi que descobri um curso fantástico, com um conjunto de professores jovens e muito calorosos nas suas aulas e nas suas conversas informais, com um conjunto de colegas também muitíssimo interessantes. Depois descobri que a Sociologia, na sua constituição de conhecimento e pesquisa, de análise, se revelou um domínio que me dava muitas possibilidades de conhecer melhor, de investigar melhor os processos sociais.

Fiz a licenciatura em 5 anos e envolvi-me muito, tive boas notas. A certa altura, quando tinha acabado de concluir a licenciatura, aconteceu um concurso para recrutar dois assistentes estagiários para o departamento de sociologia. Ganhei um desses lugares, claro que essa figura do assistente estagiário já não existe há muitos anos, mas nessa altura a atividade universitária começava por essa figura, depois passava-se a assistente, depois passava-se a professor se se fizesse um doutoramento mais tarde. Agora, quando

se entra na carreira universitária, já se tem que ter um doutoramento à partida. Mas nessa altura a maioria das pessoas não tinha um doutoramento, a maioria dos meus professores não tinha um doutoramento; estavam a desenvolver as suas pesquisas para o concluírem. Era um mundo arcaico também na universidade e, portanto, eu ainda passei por essa transição. Depois desenvolvi atividade de investigação, de ensino e também de participação de carácter institucional. Porque, como estava a dizer, era preciso criar tudo praticamente de novo em termos de organização, da investigação e do ensino superior, e assim participei nestas três vertentes.

**SOCIALiS: Concluiu a sua licenciatura no Iscte em 1981, o que diria que mudou na estrutura do curso desde essa altura?**

**AFC:** Mudou muitíssimo, mas antes de falamos um pouco sobre o que é que mudou, talvez seja interessante dizer o que se mantém. Acho que o que se mantém são várias coisas importantes. Por um lado, o próprio tema da sociologia. Não sei se vocês concordam, mas eu continuo depois destes anos todos a pensar que é uma área de conhecimento muito interessante, por vários motivos. Há, pois, uma continuidade de domínio de conhecimento, e também se mantém uma certa informalidade no relacionamento entre as pessoas, que não é

necessariamente o que acontece noutras instituições. Eu vinha de outras experiências universitárias e ao longo dos anos tenho contactado com muitas outras. Não é só da área da Sociologia, mas ***há uma cultura institucional de informalidade no Iscte que facilita a comunicação e o relacionamento entre os estudantes e os professores.*** Claro que todas as pessoas são diferentes, umas são mais assim e outras não, mas o clima de convivência tem essa característica muito forte, que é muito entusiasmante, e que para além disso é muito produtivo do ponto de vista do conhecimento. Essas duas coisas mantiveram-se. O que é que mudou? Mudaram muitíssimas coisas. Em primeiro lugar, toda a organização do ensino universitário internacional estava já dividida nessa altura em três grandes níveis de formação: licenciatura, mestrado e doutoramento – mas em Portugal não. Nem sequer antes existia Sociologia.

Gradualmente, ao longo dos anos, foi-se construindo essa formação em três níveis, como tinha sido desenvolvida nas universidades dos países mais desenvolvidos. Isso mudou muito, porque na altura tudo o que se estudava era na licenciatura. De certa maneira, alguns dos objetivos que mais tarde passaram a ser desenvolvidos no patamar do mestrado e no patamar do doutoramento, que não poderiam ser bem desenvolvidos só a nível de licenciatura. O curso, a licenciatura,

foi reestruturada várias vezes, passou por uma versão de 4 anos, mas já a pensar que mais tarde se desenvolveriam mestrados.

Deste modo, o ensino da Sociologia no Iscte mudou, sobretudo porque se organizou em três graus, de uma forma mais avançada, tal como funciona no mundo inteiro, e hoje em dia de uma maneira até muito articulada. Talvez a principal diferença tenha a ver com o facto de que, antes, quando eu entrei para o curso de Sociologia, havia um tempo muito grande para estudar na licenciatura, durante cinco anos; alguma pessoa que não tivesse condições de fazer todos os anos de uma vez podia estar na licenciatura durante seis ou sete anos. E agora não, temos uma organização com mais patamares e com articulação entre os graus, como são atribuídos nas universidades no mundo inteiro. Claro que isso tem vantagens e desvantagens.

Por outro lado, na licenciatura em Sociologia do Iscte, fizemos o possível para, apesar de ser em três anos, colocarmos no final um conjunto de aproximações a um trabalho mais articulado, no projeto e relatório dos laboratórios finais do 3º ano. De certo modo simulam, de forma um pouco mais organizada, a integração de conhecimentos e de experiências que as várias disciplinas mais especializadas não permitem.

Bom, a transformação principal eu acho que



é isso; e depois há a transformação geral dos tempos, nós agora estamos no século XXI. Para nós, sociólogos, é óbvio – outros podem não estar tão atentos – mas hoje em dia as agendas tendem a ser diferentes, ou parcialmente diferentes, e o contexto social traz também consigo elementos de quotidiano e de projeto muito diferentes.

Há muitas mudanças, mas creio que as continuidades se mantêm fortes: o interesse temático, a diversidade intelectual e as perspetivas que permitem abertura de horizontes, e aquela informalidade. Entretanto o contexto mudou, as ferramentas mudaram, o contexto organizacional da universidade também mudou.

**SOCIALiS: Foi um dos membros fundadores da Associação Portuguesa de Sociologia (APS), como é que recorda a criação desta associação e qual o papel que esta ainda desempenha atualmente?**

**AFC:** Esse é um aspeto fundamental também. A Associação Portuguesa de Sociologia foi criada formalmente em 1985. Como disse há pouco, entrei como docente no Iscte em 1981, e quase tudo estava ainda a ser construído. Uma das coisas que se tornou claro é que começava a haver alguns núcleos de sociólogos em algumas universidades, tendo sido criados cursos de Sociologia logo a seguir ao Iscte, como os da universidade Nova de Lisboa, Universidade do Porto, da Universidade de Coimbra, etc. Esse

movimento foi-se desenvolvendo ao longo dos anos 80 e depois surgiram os outros níveis de formação. Assim, tornou-se claro para alguns de nós que era fundamental termos um contexto de conversa e organização entre nós, dos sociólogos que estavam a começar a desenvolver a Sociologia em várias universidades. O normal era constituir-se uma associação dessa área, a exemplo do que acontecia em outros domínios. Mas havia outras razões. Uma delas era também muito importante. Eu tinha uns 40 ou 50 colegas no mesmo ano em que finalizei a licenciatura em Sociologia, e três ou quatro acabaram por se tornar também docentes do Iscte, mas os outros tinham outras atividades profissionais, e nós mantínhamos ligação entre nós. Por conseguinte, *esta ideia da associação começou a desenhar-se também como um ponto de encontro de sociólogos independentemente dos contextos organizacionais em que desenvolviam as suas atividades profissionais*, mas com um denominador comum que era o interesse em Sociologia. Para mim próprio, e para outros colegas, tornou-se ainda mais evidente quando me tornei professor e comecei a ter alunos e a interessar-me pelo que iria acontecer profissionalmente com eles. Logo desde o início tornou-se-me claro que, depois de eles terem concluído os cursos e singrarem nos domínios de atividade que fossem desenvolvendo, era importante

termos um modo de conversarmos entre nós e desenvolvermos atividades comuns. Havia um terceiro elemento para a constituição da APS. O primeiro eram os professores de sociologia que estavam a começar; o segundo eram as várias gerações com grande disseminação e diversificação de atividades profissionais, e o terceiro elemento importante era a ligação com o mundo internacional da sociologia. Havia uma Associação Internacional de Sociologia. Depois da II Guerra Mundial, a Organização das Nações Unidas desenvolveu um conjunto de domínios de intervenção na área cultural, científica, educacional, etc. Sob a égide das Nações Unidas criaram-se associações científicas internacionais em vários domínios, e a Sociologia constituiu a sua associação internacional. A ideia era encontrar um contexto de diálogo entre os sociólogos dos vários países. Assim, a APS tinha também esse terceiro objetivo, o de estabelecer essa interlocução internacional dos sociólogos portugueses com os seus congéneres de outras associações nacionais e dessa associação internacional. Por isso constituí-mos a APS para conjugar os professores de sociologia, os sociólogos que se iam formando e desenvolvendo atividade profissional em diversos domínios, e estabelecer uma relação internacional com os congéneres na área. Não vos escondo que na altura estes objetivos não eram nada pacíficos, havia muita controvérsia, lembro-

-me que na época éramos poucos, mas mesmo quando os grupos são pequenos podem existir controvérsias. Na altura alguns colegas achavam que esta associação devia de ser basicamente um interlocutor do mundo académico da sociologia internacional, de doutorados que eram também professores e investigadores, que iam a congressos internacionais. Esses colegas achavam que não fazia sentido criar uma associação aberta a todos os outros sociólogos. Pelo contrário, outros, entre os quais me encontro e tenho muito orgulho disso, insistimos em que não podia ser, tinha que ser uma associação inclusiva e não uma associação excludente. Tinha que ser uma associação aberta a todos os sociólogos, independentemente das suas múltiplas atividades profissionais, e até a outros que não tivessem formação académica formal em Sociologia, mas que no desenvolvimento dos seus interesses intelectuais se interessassem com alguma relevância pelo domínio da sociologia. Foi, portanto, numa perspetiva muito inclusiva e de grande abertura, completamente contra os corporativismos fechados e elitistas, que acabou por vingar este modelo de associação. Na verdade, essa controvérsia nunca acabou, porque de vez em quando, dependente de vários episódios e várias circunstâncias, lá volta a aparecer este debate sobre maior abertura ou maior fechamento, de maior inclusão ou

de maior corporativismo. Mas a APS foi constituída nessa perspetiva de associativismo inclusivo. Houve cerca de 20 pessoas que constituíram a associação formalmente, em termos de estatutos, de registo institucional, e depois avançámos rapidamente para um primeiro congresso, justamente para convocar todas as pessoas para poderem participar e conhecerem-se reciprocamente e debaterem em conjunto sobre a evolução da associação e das suas atividades. Agora nós vamos ter justamente no Iscte, já não este ano de 2020, porque tivemos que adiar por causa da Covid-19. O congresso seria em 2020, mas vai existir em 2021, e vai ter que ser em grande parte à distância. Espero que seja o último que seja necessário fazer desta maneira, mas já é o XI Congresso.

Há uma coisa muito importante que também foi feita logo de início para consolidar esta ideia de a associação ser uma associação abrangente e inclusiva. Foi criar um código de ética dos sociólogos, um código de deontologia, que fosse não propriamente uma imposição formal jurídica, mas sim um conjunto de referenciais normativos em que os sociólogos se possam rever de acordo com a sua matriz intelectual abrangente e aberta. Foi desenvolvido por um grupo muito alargado de sociólogos da época, à volta de 30 pessoas que durante muitos meses se reuniram e foram consultar os códigos de ética de outros países, que não havia muitos,

mas havia alguns, e compararam também com o que acontecia com outras atividades, como medicina e direito. Durante uns meses trabalharam nessa elaboração e o código foi discutido no segundo congresso português de sociologia, em 1992, tendo sido depois aprovado numa assembleia geral da associação, para se tornar um elemento estruturante referencial dos sociólogos. Nesse código de deontologia as preocupações éticas abrangem não apenas os estudantes e professores, mas também as atividades profissionais de todos os sociólogos.

**SOCIALiS: Sendo professor de Sociologia no Iscte deu aulas a várias gerações de sociólogos, no passado a maioria dos estudantes pretendia enveredar pela investigação, diria que mais recentemente tem havido uma viragem para a Sociologia ser vista como uma ciência pluridisciplinar pelos estudantes e uma forma de vir a entrar noutras áreas de estudo (como RH, Gestão, Comunicação etc.)?**

**AFC:** Eu acho que sempre foi muito plural. Lembro-me dos meus colegas que acabaram o curso, estavam a trabalhar em empresas, em ministérios, nas mais variadas áreas. Como eu disse, frequentei a turma pós-laboral, portanto a maior parte deles eram pessoas já com empregos em variados domínios.

Essa diversidade de horizontes já existia

claramente. Depois há sempre uma coisa muito aborrecida, embora minoritária: algumas pessoas gostariam muito de fazer uma carreira profissional na universidade, mas não conseguiram ganhar um concurso. Agora não sabemos se foi justo ou injusto, consoante os casos, mas alguns desses ficaram um bocado traumatizados. Porém, a maioria não. Na maioria estavam interessadíssimos nas atividades que estavam a desenvolver e transportavam a sociologia para esses vários domínios. Sendo que alguns tinham um talento maior para reequacionar as suas atividades profissionais com um contributo mais forte por parte da sociologia, e outros nem tanto, com menos capacidade de envolvimento de contributos da sociologia nas várias atividades profissionais. Claro que ***as atividades profissionais envolvem sempre pessoas, relações sociais, hierarquias, comunicação, há sempre espaço para mobilizar o conhecimento sociológico em todas as atividades.*** Mas há pessoas mais criativas e outras menos, e isso é muito diversificado, e justamente naquela perspetiva que eu estava a defender há pouco, de a APS ser inclusiva, não vamos julgar as pessoas dizendo que só devíamos incluir os mais criativos, até porque isso vai variando. Portanto, todos eles devem merecer o mesmo estatuto de pares, fazerem parte do mesmo grupo, que é o dos sociólogos.

Não sei se houve uma evolução muito

grande a esse respeito, houve alguns casos em que houve algum incómodo porque houve pessoas que não singraram tanto, e mesmo hoje está sempre a acontecer, porque são carreiras muito exigentes, que têm muitos filtros, e nalguns casos isso funciona melhor e noutros pior. Talvez seja interessante mencionar a respeito disto uma outra dimensão institucional da sociologia com que me envolvi bastante. Tem a ver com a criação de um centro de investigação, o CIES - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. Os centros de investigação têm muito mais gente a participar do que o estrito corpo docente de uma universidade. De certa maneira, vão envolvendo muitas gerações de sociólogos. Alguns acabam por fazer dessa uma experiência interessante e enriquecedora de vida, mas não uma vida profissional continuada, ao passo que outros acabam por prosseguir a atividade de investigação, e às vezes articulada com o ensino, ao longo do seu trajeto profissional. O que há de diferente é que agora somos muitos milhares de sociólogos enquanto nos primeiros anos em que eu dei aulas eram centenas; agora são muitos milhares e, portanto, há uma diversidade maior. Uma outra questão que mencionou: de início no Iscte só existiam licenciaturas de Gestão e Sociologia; depois multiplicaram-se as áreas de ensino e, ao longo das décadas, o que aconteceu foi uma grande diversificação não só vertical, de licenciatura, mestrado e dou-

toramento, mas também uma diversificação horizontal. Começaram a multiplicar-se as licenciaturas em grandes áreas de conhecimento e, especialmente nos mestrados, multiplicaram-se as áreas especializadas e interdisciplinares, muito diversificadas. Por exemplo, quando se fazia um mestrado em Sociologia trabalhava-se nesse mestrado em muitos temas que agora, a nível de mestrado, podem ser estudados num mestrado em Recursos Humanos ou em Educação ou em Urbanismo, etc. Dantes não havia essas formações mais especializadas e mais diversificadas e, portanto, todos os que estavam a estudar esses vários temas estavam de algum modo em conjunto no mesmo curso. Agora há uma diversidade de possibilidades.

**SOCIALiS: Foi um dos fundadores do CIES e esteve bastante tempo envolvido na sua direção e coordenação, olhando para trás qual é a reflexão que faz sobre as equipas de investigação que integrou ou acompanhou ao longo dos anos?**

**AFC:** Em primeiro lugar, o importante do CIES é que ele veio ocupar um lugar que não existia no Iscte. O centro é um contexto organizado para desenvolver investigação. Quando se faz investigação avançada, há sempre algumas pessoas que podem fazer uma pesquisa individual, e pode ser genial. Porém, a certa altura, quando envolvemos um número mais importante de pessoas, e

para que a investigação consiga alcançar maior relevância, quer intelectual quer social, tem que haver uma investigação mais organizada.

O CIES foi uma criação dos assistentes estagiários dessa época, dos novos docentes, que entenderam que precisavam de encontrar um contexto organizado que viabilizasse o desenvolvimento das suas pesquisas e a troca de experiências entre eles, e uma organização que os dotasse também de possibilidade de interlocução com as políticas de ciência e com os potenciais interessados nos resultados da investigação sociológica, nomeadamente nos domínios camarário, ministerial, empresarial, associativo, etc. Por isso, a ideia de criar o centro era fundamentada na necessidade de ter um quadro organizado de investigação em Sociologia no Iscte. E a sua constituição multiplicou muito as potencialidades de investigação, porque começámos a constituir equipas mais alargadas, com programas de investigação mais ambiciosos, envolvendo várias gerações de pessoas nas mesmas equipas, uns mais experientes outros a aprender, outros em percurso intermédio. Por outro lado, um centro possibilita desenvolver não só projetos de investigação, mas também organizar colóquios, seminários, publicações etc. Um dos aspetos em que também me envolvi no centro foi criar a nossa própria revista científica, neste caso a Sociologia Problemas e Práticas. Na altura,

em Portugal, havia a Análise Social, do ICS, e tinha aparecido recentemente a Revista Crítica de Ciências Sociais, do CES da Universidade de Coimbra. E a ideia não era só publicarmos investigações dos membros do CIES, mas um instrumento de difusão de produção científica em geral da sociologia e de outras ciências sociais, e que pudesse ser um veículo interessante para outros que estivessem a desenvolver pesquisas relevantes noutros contextos. O CIES tornou-se gradualmente mais estruturado, mais numeroso, tendo também uma atitude de grande abertura interdisciplinar. Esta estava também muito presente na licenciatura de Sociologia, ainda hoje temos muito orgulho em que a licenciatura de Sociologia do Iscte, mesmo com o constrangimento dos 3 anos, tenha lugar para variadas cadeiras de outras áreas: economia, história, psicologia, antropologia, etc. O que não é tão vulgar assim, mas faz parte da matriz inicial, com grande mérito dos nossos professores dessa altura. Eles tinham uma perspetiva muito aberta, muito interdisciplinar, procurando aprofundar o mais possível a Sociologia, mas fazendo-o não como um fechamento intelectual, mas numa relação muito aberta com as outras áreas das ciências sociais. E isso transmitiu-se não só para o curso, mas também para o centro e também para a revista. Se virem hoje em dia, no CIES, encontram pessoas que são de Sociologia e trabalham em várias áreas, mas também com

afinidades diversas, com a Ciência Política, com a História, com a Antropologia, com a Economia, etc., em variados domínios. Embora com centro de gravidade na Sociologia, uma vez que é o conjunto mais numeroso e faz parte do enraizamento principal, mas igualmente com essa abertura interdisciplinar. Deste modo, o CIES acabou por dotar o Iscte de uma vertente de investigação nessa área que tivesse uma organização própria. Na verdade, o CIES, ao longo do seu desenvolvimento, acabou por se tornar num dos centros principais da área das ciências sociais do país, o que se mantém. E tem acolhido sucessivas gerações, porque a rotação de pessoas é muito mais forte do que nos quadros docentes, com uma flexibilidade muito maior na constituição de equipas de projetos e com uma maior flexibilidade de envolvimento.

**SOCIALiS: Como considera ter sido a evolução das ciências sociais em Portugal na última década?**

**AFC:** Na verdade, já falei de um dos aspetos da evolução das ciências sociais em Portugal, que é o de uma certa diversificação e especialização, mas isto não é uma característica de Portugal, é o que acontece no panorama científico internacional. O que acontece é que talvez se tenha tornado mais nítida a existência de duas dinâmicas cruzadas: uma delas é o aprofundamento das matrizes científicas principais, digamos assim; por



outro lado, uma dinâmica mais aplicada, mais diversificada, mais interdisciplinar, mais virada para o impacto social direto e não tanto para o aprofundamento das matrizes teóricas e metodológicas das áreas de conhecimento principais. Dito desta maneira parece uma dissociação, mas não é tanto uma questão de pessoas. O que acontece é que, em termos de mapeamento intelectual, conseguimos perceber duas dinâmicas estruturantes: uma dinâmica de aprofundamento e consolidação disciplinar; e outra dinâmica de interdisciplinaridade e aplicação mais direta. Este panorama tem tido uma evolução significativa nas últimas décadas. Por exemplo, nós tínhamos algumas áreas fortes na Sociologia quando eu comecei a fazer investigação no CIES e a iniciar a minha atividade de docente no Iscte: a sociologia do trabalho, a sociologia urbana, a sociologia rural, a sociologia da comunicação, a sociologia da cultura e a sociologia política. Hoje em dia, a configuração já é muito diferente. Por exemplo, agora há o curso de Ciência Política, portanto uma boa parte dos desenvolvimentos que eram realizados na sociologia política acabaram por ser desenvolvidos em ciência política. Não quer dizer que não haja algumas nuances entre sociologia política e ciência política. Mas é claro que estas fronteiras são porosas e nada rígidas. Por outro lado, nós temos hoje em dia cursos no Iscte nas áreas de Arquitetura e Urbanismo, e uma parte, sobretudo no urba-

nismo, tem a ver com a relação entre o território urbano e as dimensões sociais, alguns dos temas que eram estudados na sociologia urbana. Na sociologia do trabalho talvez ainda seja mais nítido, porque todos os estudos organizacionais, de gestão, de comportamento organizacional, de recursos humanos, acabam por ser muito interdisciplinares, trazem para esses domínios contributos da Sociologia, mas também de outras áreas estruturantes, como a Economia, a Psicologia, etc. Na Sociologia continuam a existir todos estes tópicos de investigação possíveis, mas o panorama já não é o mesmo, porque há domínios que se especializaram, que se organizaram de maneiras próprias. em vantagens, porque multiplica possibilidades. Mas também tem desvantagens. Se alguém, hoje em dia, for ver a lista de projetos que estão em curso no CIES, talvez em proporção não haja agora tantos projetos dessas áreas como há 20 anos, e a razão principal é provavelmente porque, entretanto, houve toda esta diversificação. Em todo o caso, cada vez mais – é uma das dinâmicas de atualidade – estamos a procurar articulações entre vários centros de investigação visando constituir equipas interdisciplinares que, de certa maneira, retomam a uma perspetiva de integração, mas já com contributos mais elaborados e provenientes de outros domínios. Há uma evolução forte neste sentido. Também há outras evoluções na última década, mais

institucionais. **As várias fases de desenvolvimento político no país vão tendo efeito nas políticas de ciência e a última década esteve cheia de oscilações**, tendo a ver também com as crises financeiras. Depois há igualmente uma outra evolução, que é mais intelectual, não tanto na última década, mas nas imediatamente anteriores. As ciências sociais, incluindo a Sociologia, foram afetadas por um equívoco epistemológico, que foi muito negativo e prejudicou bastante a profundidade do trabalho das ciências sociais e também a sua credibilidade interna e externa. Agora já está bastante superado, mas ainda há marcas. Constituiu uma deriva epistemológica, decorrente do equívoco seguinte: a Sociologia, quando começou a debruçar-se sobre o conhecimento científico, deu-se conta de que, na produção do conhecimento científico e na sua difusão – seja em Física, seja em Biologia, seja em Sociologia, ou noutra área qualquer – estão sempre envolvidos, não só fatores físicos ou biológicos, mas também elementos sociais, porque as ciências são feitas pelas sociedades, pelos atores sociais, pelas organizações científicas. Acontece que esta perspetiva sobre o conhecimento científico, que foi um contributo intelectual importantíssimo para a cultura científica e para a cultura intelectual das nossas sociedades – o de se dar conta de que o

conhecimento científico também é social - acabou por criar um equívoco epistemológico e uma bifurcação. Algumas pessoas retiraram daí a conclusão de que, se havia aspetos sociais envolvidos no conhecimento científico, então esse conhecimento não poderia ter condições de objetividade e, portanto, cada conhecimento valia tanto como outro qualquer. A objetividade não poderia funcionar. A ideia de se procurar verificar se alguns dos conhecimentos são mais adequados do que outros seria uma ingenuidade e uma falácia. Portanto, qual foi a conclusão? Foi desarmarem os critérios de rigor, de aprofundamento e de credibilização. Uns enveredaram por esse equívoco. A maioria dos sociólogos não enveredou por esse caminho e entendeu a questão de outra forma. Sim, a produção do conhecimento envolve dimensões sociais, e isso significa que o conhecimento é ainda mais complexo do que o que se pensava anteriormente. Portanto, para se trabalhar cognitivamente nos diversos domínios científicos – na Física, na Biologia ou na Sociologia, por exemplo – tem que se mobilizar um conjunto ainda maior de ferramentas. Desde logo, as ferramentas teóricas, conceptuais, metodológica, observacionais, etc. Elas eram já mobilizadas pelas várias ciências, mas era preciso mobilizar ferramentas adicionais, trazendo acréscimo de exigência, designadamente ferramentas epistemológi-



cas e sociológicas, para que o conhecimento fosse produzido e examinado com ainda maior profundidade e com objetividade acrescida. Claro que não se trata de objetividade absoluta, porque isso não existe. São sempre formas de objetividade relativa, mas mais exigentes. Ora, durante uns anos, uma parte das gerações dessa época desativaram a necessidade de objetividade, deixaram de procurar a objetividade possível, a favor de um equívoco. Não se deram conta de que, uma vez que se estava agora a conseguir apreender melhor e de forma mais abrangente o conjunto das dimensões envolvidas na produção do conhecimento científico, tínhamos possibilidade e obrigação de procurar resultados de conhecimento com maior objetividade. Claro que isto não tem nada a ver com o mito da neutralidade. Não há neutralidade porque as pessoas têm os seus valores, as suas ideologias, as suas preferências, os seus interesses, etc. Não se trata de neutralidade, mas de objetividade, de rigor, de aprofundamento, de verificação. E, sublinho, de objetividade relativa – senão, entra-se nos absolutismos e essencialismos arcaicos. Durante uns anos, aquela deriva tornou-se de certa maneira uma moda, foi muito prejudicial para a sociologia e para as ciências sociais no conjunto. Foi prejudicial internamente porque várias gerações de pessoas acharam que afinal a sociologia era apenas questão de discurso, opinião e assertividade,

mesmo que em versões muito sofisticadas, mas sem prova ou verificação. Por outro lado, do ponto de vista externo, perante as outras ciências e perante outros protagonistas sociais, as ciências sociais perderam credibilidade, e isso também foi bastante negativo. Na última década já se recuperou bastante de tudo isso, mas deixou marcas inesperadas, nomeadamente na esfera pública, mediática e política, com o surgimento e propagação de noções de “pós-verdade”, “factos alternativos”, etc.

**SOCIALiS: Como vê o futuro da Sociologia em relação ao contexto atual de pandemia?**

**AFC:** A pandemia é um assunto com que estamos todos a tentar lidar. Na verdade, ainda não há muitos resultados de trabalho sociológico analítico sobre a pandemia porque as pessoas estão muito preocupadas, porque as condições de trabalho estão afetadas e porque o tempo ainda é curto e a produção de conhecimento normalmente necessita de alguma duração. Claro que os nossos colegas da biomedicina demoravam 10 anos a fazer vacinas e agora conseguiram fazê-las em alguns meses. De certa maneira, é também um desafio para nós, nas ciências sociais. Talvez nós pudéssemos também desenvolver uma dinâmica mais rápida. Eu tenho estado envolvido em alguns projetos, embora um pouco mais à distância do que antes, e tenho acompanhado estudos importantes a esse respeito, quer do ponto

de vista da recolha de informação, por exemplo sobre a opinião das pessoas dos vários grupos sociais sobre esta situação, ou estudos que estão a aprofundar a relação entre, por um lado, as biotecnologias e as tecnologias digitais e, por outro lado, as grandes transformações sociais rápidas do mundo atual. Há uma dinâmica nesses projetos e estudos que ainda não se revelou de uma maneira muito explícita, mas que está a acontecer. De certa maneira, há uma reorganização muito importante de investigadores, de projetos, etc., para se reposicionarem face a estes desafios, que não são só da pandemia, mas que se interligam com ela, nomeadamente os desafios da desigualdade, do estado social, das tecnologias disruptivas, da crise climática e, até, as problemáticas da democracia. Porque ***há dinâmicas atuais que são também perversas face às instituições democráticas e à cultura democrática, e que a pandemia pode afetar de maneiras variadas.*** De certo modo, uma parte dos sociólogos está já a analisar estes problemas e também a alimentar o conhecimento sobre possíveis transformações sociais, que podem ser orientadas mais de uma maneira ou de outra. Por exemplo, em concreto na pandemia, faz-me uma certa impressão que haja pouca incorporação de sociologia e outras ciências sociais nos esforços concertados de interlocução com as populações relativamente às tomadas de precaução quotidianas ou às expectativas de vacinas. Nós vemos

aquelas reuniões do Infarmed, em que há médicos, epidemiologistas, etc., que são pessoas ótimas e que têm dado contributos importantes, mas alguns dos problemas que têm acontecido têm a ver com relações sociais. Nós sabemos da Sociologia que a socialização é um processo muito forte, que em princípio não é fácil de modificar rapidamente. No entanto, as pessoas que estavam habituadas aos seus processos quotidianos, de repente tiveram que enfrentar um mundo completamente transformado. Como é que, nestas circunstâncias, ocorrem dinâmicas de ressocialização, de maneira mais ou menos rápida, mais numa direção ou noutra? Que contributos é que os sociólogos podem dar para se conhecer melhor esses processos sociais, para ajudar à elaboração de respostas e para melhorar a coordenação de atividades em sociedade face a estes problemas? São desafios que estão na ordem do dia. Mas, para já, só se consegue equacionar a existência de um campo de possibilidades. Sei que muitos colegas estão a trabalhar a esse respeito, mas a contribuição do conhecimento é em geral mais lenta do que o surgimento dos problemas. Estamos, pois, perante um cenário em aberto, ainda muito em aberto quanto aos futuros possíveis. São ocasiões extraordinárias para os sociólogos.

Na verdade, os fundadores da Sociologia foram sociólogos de momentos de transformação. Marx, Durkheim, Weber

foram sociólogos de grandes transformações sociais da época, e grande parte da sociologia que eles desenvolveram foram sobre essas transformações, que na altura ainda estavam muito em aberto. Agora sabemos como aconteceram, mas na altura eles tiveram a genialidade de encontrar as tendências fortes, mas também as alternativas que se iam configurando. E o mesmo aconteceu depois noutras épocas. Mas agora, **com esta pandemia, o que acontece é que a mudança social se acelerou muitíssimo, em meses e não em décadas.** Por conseguinte, talvez os sociólogos atuais tenham pela frente um desafio mais exigente, mas também é verdade que estão mais munidos de ferramentas teóricas previamente elaboradas, de novas possibilidades metodológicas, de conhecimento acumulado. Há um problema relacional, porque agora temos que

conversar e trabalhar mais entre nós à distância; mas não é um problema que nos detenha quanto ao fundamental. No próximo congresso português de Sociologia as pessoas aparecerão, embora à distância, com comunicações, publicações e debates, provavelmente com tópicos já renovados. Inicialmente, quando se inscreveram para participar no Congresso, teriam outras agendas, mas agora tenho uma expectativa renovada, a de que aparecerão muitas contribuições inovadoras sobre as novas circunstâncias sociais.



# DEBATE NA IMPRENSA

## || COVID-19 || VACINAÇÃO

Tânia Gomes

Membro da redação

“Foram desenvolvidas em menos de um ano e serão aprovadas pela mesma administração e agências governamentais que permitiram que o vírus se propagasse como um incêndio”

Publicada no Diário de Notícias 03.12.2020

A verdade é que no panorama atual a vacinação volta a ser novamente um assunto de grande destaque. De acordo com uma notícia do Jornal de Notícias de 07.11.2020, houve uma diminuição da percentagem de portugueses dispostos a serem vacinados contra a covid-19, o que levanta a questão porquê? Segundo a mesma notícia os motivos são “não considerar a vacina segura, medo de efeitos secundários (...) não considerar a doença importante e convicções”.

A pandemia foi bastante propícia a um novo alastramento do movimento antivacina e de teorias da conspiração como é relatado numa notícia do Jornal de Notícias, de 02.12.2020, onde se fala na intenção de “encobrir um plano de implantação de microchips restreáveis”. Este diálogo encontra-se novamente em expansão de forma a que os especialistas estão cada vez mais preocupados visto que os

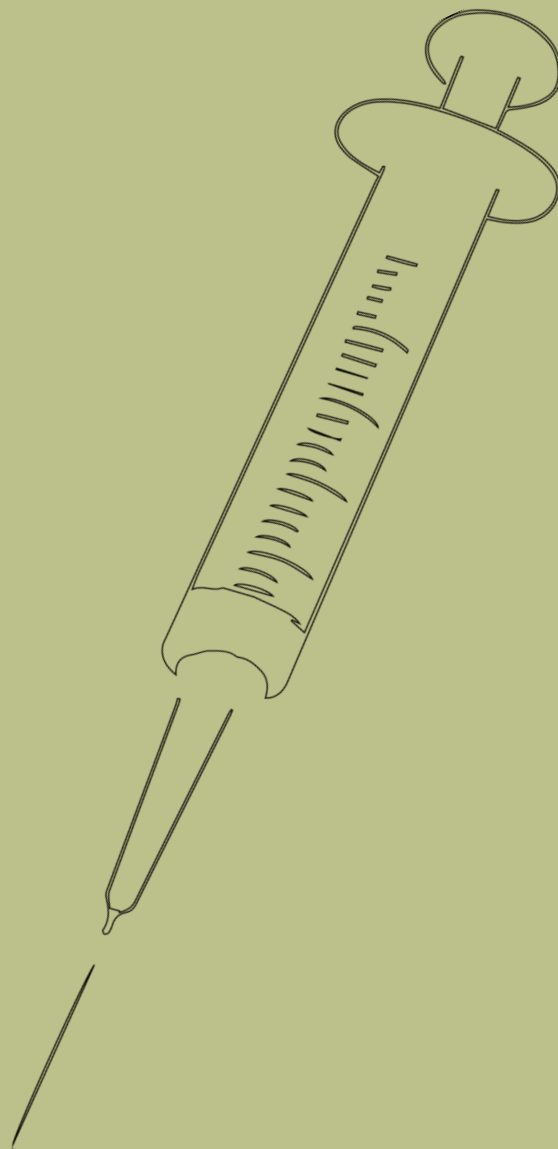
grupos antivacina “são pequenos mas a sua estratégia de comunicação online é preocupantemente eficaz e abrangente”, diz uma notícia do Expresso, de 14.05.2020. Na mesma notícia dá-se destaque à preocupação de que a “velocidade de desenvolvimento de uma vacina contra o novo coronavírus constitua outro motivo de suspeição”.

▪

## " A PANDEMIA FOI BASTANTE PROPÍCIA A UM NOVO ALASTRAMENTO DO MOVIMENTO ANTIVACINA"

▪

É com o objetivo de proteger a população e prevenir a desinformação que “os investigadores sublinham a necessidade de acompanhar a opinião da população em relação à vacinação” (Jornal de Notícias, 11.09.2020), estando o Governo a preparar-se para combater a desinformação e, principalmente, as ações antivacina, segundo notícia do Expresso, de 27.11.2020. É neste sentido também que os especialistas “apelam à total transparência no processo, sob pena de, quando surgir uma vacina, as pessoas poderem questionar-se se alguma etapa no desenvolvimento não terá sido desconsiderada” (Expresso, 14.05.2020).



O grande apelo que se faz no âmbito deste debate é de que as pessoas não se devem esquecer de que “a vacinação é um direito, mas também uma responsabilidade coletiva de toda a população” (em Público, 29.04.2020) e como indivíduos numa sociedade devemos “confiar nas instituições de saúde, que são seguras e estão preparadas para minimizar o risco” (em Público 23.04.2020).

# RETRATOS

## SER SOCIÓLOGA

**Mafalda Miguel Teixeira**

Estudou Sociologia na UAL, entre 1993 e 1998, com especialização final na área da “exclusão social”.

No 11<sup>a</sup> ano tive sociologia e identifiquei-me bastante com os conteúdos lecionados. Nomeadamente quando fui confrontada com um teste que continha apenas uma questão de desenvolvimento - “Os rapazes jogam à bola e as meninas brincam às bonecas. Justifique.” Fiquei fascinada com a sociologia. Era isso que queria estudar, a sociedade, os grupos, as comunidades, a diversidade, as pessoas, os diferentes papéis sociais e a sua relação com os contextos.

Durante o meu percurso académico o meu olhar foi se transformando, e ainda mais curiosa estava com a ampla visão que a sociologia me ia dando sobre as pessoas, a comunidade, a sociedade e o mundo. Encontrei uma extensão do meu pensamento, dei forma e consistência àquilo que achava ser um olhar inato que tinha das coisas. O lugar que todos temos no mundo, o papel de cada um e a forma como tudo conflui e se interrelaciona. Se uma peça faltar, a engrenagem pára. Eu costumo dizer que a licenciatura em sociologia é a base para um “jogo de cintura” necessário para uma série de dimensões da vida, pessoais e profissionais.

E isso ao nível profissional foi ótimo. Eu sou de perfil multifunções, não consigo fazer apenas a mesma coisa e da mesma forma. Gosto de experienciar e criar. Quando me perguntam “Então, trabalhas na área?” Sim, trabalho. Trabalho com pessoas e contextos diferentes. Era isto que eu queria, eram estas as minhas expectativas profissionais.

Já trabalhei na área da deficiência, fui professora, fiz produção de espetáculos, mediação intercultural e planeamento social estratégico. Atualmente trabalho numa autarquia e tenho a meu cargo a chefia de uma equipa, de cerca de 30 pessoas, que integram várias áreas, cultura, juventude, desporto, saúde, social, cooperação, desenvolvimento e cidadania participativa. Sem dúvida que a sociologia foi uma boa escolha!



A EQUIPA SOCIALiS APRESENTA:

# CARA OU COROA

EM CADA EDIÇÃO JUNTAMOS DUAS PESSOAS ALEATÓRIAS À CONVERSA  
SOBRE UM TEMA COMUM. ESTE MÊS IREMOS LANÇAR UM EPISÓDIO ESPECIAL.  
DESCOBRÉ-NOS NA PLATAFORMA QUE PREFERIRES.







OUTUBRO

INÊS SILVA (Licenciatura em Gestão):

“O facto de estarmos mais afastados de pessoas presencialmente traz algum descontrolo de problemas mentais, isto é, professores, colegas e psicólogos não conseguem avaliar tão bem problemas, quando comparado com os tempos pré-pandémicos.”

MARIA CAROLINA (Licenciatura em Sociologia):

“Com a evolução das redes sociais e das próprias gerações, deu-se uma maior aceitação dos distúrbios/doenças mentais que cada um tem, seja trauma, ansiedade, depressão, autismo...”

CATARINA GONÇALVES (Licenciatura em Antropologia):

“Existe uma maior consciencialização das doenças mentais. A doença mental é tão ou mais impeditiva do que uma doença física, ambas merecem o reconhecimento devido.”

ANONIMX (Licenciatura em História Moderna e Contemporânea):

“Na minha opinião existem mais condições propícias ao surgimento de doenças mentais, sendo o impacto das redes sociais, a meu ver, o que causou um maior surgimento. Nos últimos 10 anos as redes sociais evoluíram bastante, existe muito mais conteúdo, muitas mais opiniões públicas, é basicamente um novo mundo fora do mundo real, mas um mundo em que as pessoas podem ser muito mais cruéis e desumanas.”

MARIANA ÍNDIAS (Licenciatura em Economia):

“O principal aspeto é o reconhecimento, cada vez mais fala-se de doenças mentais, mas hoje em dia, os videojogos podem ser catalisadores de vícios e de depressão. As redes sociais também são benéficas para o reconhecimento, porém ajudam à constante comparação com o outro que pode prejudicar-nos”





**NOVEMBRO**

## **HOOLIGANISMO**

**PEDRO** (Licenciatura em Sociologia):

“Na minha opinião, a sociedade deveria ser mais severa no que toca a punições a vários adeptos de futebol [...] para que os seus atos não se tornem frequentes.”

**RODRIGO REIS** (Licenciatura em Sociologia):

“Na minha opinião, em Portugal, o hooliganismo no mundo do desporto tem pouca expressividade. Arrisco-me, até, a dizer que é praticamente inexistente.”

**TOMÁS GONÇALVES** (Mestrado de Gestão dos Novos Media):

“Em Portugal, certas claques parecem estar infiltradas por movimentos de extrema-direita e terem ligações a atividades criminosas, como o tráfico de droga.”

**JOÃO PARDAL** (Licenciatura em Sociologia):

“O fator de levar ao extremo a clubite dá-se em todo o lado, embora os hooligans não tenham sido considerados adeptos, pois eram pessoas que iam para os estádios para arranjar confusão e satisfazer o seu amor pela pancadaria. A conotação com os clubes era algo secundário.”

# ATIVIDADES DO NESISCTE

## Programa de Mentoria

20OUT'20



Maria Barral

Criado com o objetivo de aproximar os estudantes recém-chegados ao Iscte, o Programa de Mentoria conta com a ajuda dos estudantes mais velhos para se realizar. Neste ano, houve uma formação dinamizada pelo Gabinete de Apoio ao Aluno para que estes mentores estivessem preparados para responder às demais dúvidas que enfrentaram dos seus mentorandos.

## A Importância do Associativismo

27OUT'20



Maria Barral

Contando com diversos oradores do Iscte, a Importância do Associativismo viu este ano mais uma edição sua. O principal objetivo é dar a conhecer quais as associações juvenis existentes na faculdade, através de relatos pessoais de oradores, que mostrarão aos alunos a importância do associativismo e do consequente desenvolvimento de Soft Skills.

## Workshop de Comunicação em Entrevistas

17NOV'20



Green Revolution e NESISCTE

Desta vez em formato online, o Workshop de Comunicação em Entrevistas realizou-se, novamente, no passado dia 17 de novembro, contando com a presença da formadora Helena Rocha. Com este workshop, os alunos contaram com dicas de como dar e fazer entrevistas.

Organizado em colaboração com os Núcleos de Alunos de História Moderna e Contemporânea, de Serviço Social e de Ciência Política e o NEAISCTE, organizou-se o evento “Juntos pela diversidade”. Este evento contou com a presença de diversos oradores com conhecimento de causa, na luta contra o racismo.



Juntos pela Diversidade  
24/25NOV'20

Decorrido em regime online, o evento teve como objetivo debater as novas dinâmicas sociais pós-Covid, num sábado à noite, onde esteve presente uma grande partilha de ideias e troca de opiniões.



Maria Barral e Margarida Rodrigues

Noites Sociológicas  
7NOV'20

# NÚCLEO CONVIDADO

Inês Pedro

Presidente do NESISCTE

Criado em 2017, o NESISCTE nasceu da vontade de ajudar e apoiar os estudantes de Sociologia, enriquecendo de diversas formas o seu percurso académico. Ao longo dos últimos três anos, o Iscte assistiu ao crescimento de um núcleo de estudantes, que foi gradualmente ganhando o seu espaço e identidade.

O nosso maior objetivo prende-se na promoção de um ambiente académico sustentável a vários níveis, de forma a que estes estudantes encontrem no seu núcleo um ponto de união e entreaajuda, quer na sua ligação à comunidade Iscte, quer na sua ligação à Sociologia. As atividades realizadas regem-se, de forma mais ou menos focalizada, nos objetivos de promoção 1) da equidade de género; 2) da sustentabilidade ambiental, quer seja na divulgação de práticas sustentáveis, quer seja na sua ativa aplicação aos nossos eventos; 3) da Sociologia enquanto ciência e ponto de união

identitário dos que a estudam; e 4) da emancipação de recém-licenciados, objetivo particularmente presente em iniciativas como a preparação dos currículos dos estudantes, cartas de motivação, entrevistas e outros elementos essenciais, sempre em parceria com o Iscte.

Entrei no Iscte em 2018/19 e fui de imediato abordada por representantes do NESISCTE. Concorri para colaboradora de Responsabilidade Social e no ano seguinte passei a coordenadora. Temos este ano, pela primeira vez no NESISCTE, uma presidência composta por três mulheres. Há dois anos, eu não esperaria ser uma delas. É com grande honra que encaro o objetivo de liderar mais de 50 pessoas, para as motivar e para lhes propor novos objetivos, para que cada um de nós faça parte do caminho que é a Sociologia no Iscte e em Portugal. Estimular esta comunidade revela-se um desafio tão exigente como satisfatório, não podendo existir recompensa melhor do que ver os nossos estudantes evoluir e florescer enquanto membros (pro)ativos na comunidade académica.



N E S I S C T E

# AS NOSSAS SUGESTÕES

## MÚSICA

---

### **9 to 5, composto por Dolly Parton (1980)**

A inspiração para esta música, dito pela cantora numa entrevista com 60 Minutes, foram as suas unhas de acrílico, que, quando as bateu umas nas outras, encontrou um ritmo musical que decidiu incluir como batida da sua música.

A música defende o pagamento justo dos salários e igual tratamento das mulheres no local de trabalho, tendo sido escrita também para o filme com o mesmo nome.

## CINEMA

---

### **Filme “Roma” realizado por Alfonso Cuarón (2018)**

Um filme autobiográfico inspirado na infância do próprio Alfonso Cuarón, que retrata o verdadeiro contexto da classe média mexicana durante os anos 1970. Representa de forma evidente a divisão social e a relação com a etnia, além de constituir uma dedicatória à sua empregada doméstica de origem indígena, que foi uma constante na sua infância.

É realizado a preto e branco, no entanto, com valores aprazíveis e intrínsecos. Também, de certo modo, trata-se de uma homenagem às mulheres e revela-se repleto de analogias que prendem o espectador ao acontecimento.

## LITERATURA

---

### **Livro: Retratos da Precariedade – Quotidianos e Aspirações dos Trabalhadores Jovens Escrito por Renato Miguel do Carmo e Ana Rita Matias (2019)**

*Um excelente e distinto retrato da precariedade jovem, que expressa as dificuldades atuais na entrada e permanência no mercado de trabalho. Aborda as suas causas e, sobretudo, as suas consequências, com relatos na primeira pessoa, de uma realidade transversal e caracterizadora de uma geração.*

*Uma demonstração da urgência do debate das questões do Trabalho, da suas políticas e leis, que permitem um cenário não muito auspicioso no que toca à dignidade e à emancipação de uma geração mais qualificada do que as suas precedentes.*

### **Filme “Los Lunes al Sol” de Fernando León de Aranoa (2002)**

O filme abre com imensas imagens reais, retratos de trabalhadores, dos distúrbios que assolam as ruas e também diversos conflitos com a polícia. Espelha o desemprego e diversas histórias reais são a base deste filme, em que se lamenta o comunismo vivido na época.

As cenas são acompanhadas de uma suave música, em que um violão é o toque de fundo. Este contraste, entre a imagem e a melodia, é bastante chocante e intriga o espectador em toda a sua sequência.

Autor: Sónia Guerreiro Tomé



## OUTROS TEMPOS, OUTRAS ÁGUAS

Sónia Guerreiro Tomé<sup>1</sup>

Se as alterações climáticas interferem diretamente nas disponibilidades de água doce a nível planetário, como asseguram os relatórios da especialidade, esperamos um o futuro próximo com mais pessoas para menos água potável. Por que motivo(s) os direitos de água tradicionais, inscritos na oralidade e na força do costume, assentes na partilha e uso comum das águas, não estão devidamente salvaguardados, na atualidade em risco?

---

<sup>1</sup> Antropóloga, Doutorada em Sociologia, CIES/Iscte





Joana Gato



Joana Gato

# AGENDA SOCIOLOGICA

FEVEREIRO

04

Sociedade, Temporalidades e Poder: Olhares Globais. Além da Pandemia Covid 19 – Ciclo de Seminários 2021 – Universidade do Minho e Universidade de Guadalajara, no México

12

FEVEREIRO

Fórum Comunitário: mulheres refugiadas em Portugal - CIES

FEVEREIRO

12

“Refugiados e Covid-19: uma lupa amplificadora de problemas pré-existentes” – ICS (com a professora Cristina Santinho)

FEVEREIRO

17

Open Science Conference 2021; 17 a 19 de fevereiro (paga)

MARÇO

29

XI Congresso Português de Sociologia – ISCTE e ICS – Lisboa – Formato Online; 29 a 31 de março